

Evento: XX Jornada de Extensão

REALIDADE E SONHOS DE CRIANÇAS E JOVENS ACOLHIDOS¹ **REALITY AND DREAMS OF CHILDREN AND YOUNG PEOPLE WELCOMED**

Camila Herrmann², Kelly Daiane Sandtner³, Lídia Inês Allebrandt⁴

¹ Pesquisa e prática desenvolvida na disciplina de Práticas Educativas em Espaços Não Escolares do curso de Pedagogia da UNIJUI

² Aluna do curso de Pedagogia da Unijuí camilah_97@hotmail.com

³ Aluna do curso de Pedagogia da Unijuí kelly.ds@hotmail.com

⁴ Professora Mestre do Departamento de Humanidades e Educação - DHE do curso de Pedagogia lidia@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

Intencionamos apresentar uma pesquisa e prática social, cultural e educativa realizada em um espaço não escolar, que teve dois propósitos: o primeiro, conhecer a realidade em que vivem algumas crianças e adolescentes fora do ambiente familiar, proporcionando-lhes momentos de interação, conversas e de escuta para explicitar seus sonhos; e, o segundo, reconhecer o papel do pedagogo neste contexto, compreender como pode mediar processos de educativos e refletir acerca da atuação de um pedagogo em ambiente não escolar. A entidade escolhida localiza-se na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, a qual acolhe menores vítimas e/ou em situação de risco e vulnerabilidade social, encaminhados pelo Conselho Tutelar, pelo Ministério Público ou pelo Juizado da Infância e Juventude, para garantir e assegurar, com absoluta prioridade e efetivação, seus direitos, assim como expresso no artigo terceiro do Estatuto da Criança e do Adolescente:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990, p. 9).

O foco foi proporcionar-lhes meios para expor suas atuais vivências e refletir sobre seus sonhos, desejos e vontades, por acreditarmos que ao serem instigados a explicitar isso poderiam reconhecer que possuem potencial e sentirem-se desejosos de concretizá-los. Em relação à nossa formação, buscamos ampliar saberes e conhecimentos de modo a articular teoria e prática, por meio da observação e análise das mediações, interações e aprendizagens neste contexto não escolar. Acreditamos que atuar nesse campo pedagógico oportuniza conhecer as potencialidades de outros espaços educativos e aprender que precisamos repensar a educação todos os dias, reinventá-la para criar condições objetivas para que existam relações mais humanas e uma educação comprometida com a valorização da pessoa onde quer que ela esteja inserida.

Evento: XX Jornada de Extensão

METODOLOGIA

Pautamo-nos na pesquisa ação por possibilitar conhecer a realidade, os sujeitos, os espaços e tempos de convívio de modo que todos participassem por meio do diálogo e das dinâmicas, provocando o protagonismo. E, com a intenção de recolher informações necessárias para a construção da proposta de um projeto, a coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada para que os entrevistados se sentissem abertos para responder as questões e o entrevistador pudesse elaborar outras questões à medida que a conversa fluísse, considerando os rumos do diálogo. Também foram lidos os documentos da instituição para complementar o conhecimento de seus objetivos, finalidades, funções e ações a que se propõe realizar. Após, foi elaborado e, posteriormente, desenvolvido o projeto que previu situações concretas que instigassem os sujeitos a construir sentidos, desenvolver reflexões e a convivência em grupos, procurando reconhecer a história deste coletivo e de cada um em especial, percebendo o grau de inserção, tendo em vista sempre o desenvolvimento humano. Na sequência, elaboramos um resumo expandido e apresentamos em sala de aula a experiência como um todo, na ótica de produzir conhecimento acerca da função do pedagogo em espaço não escolar e socializar nossas aprendizagens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Confirmamos que a entidade é uma instituição sem fins lucrativos de caráter assistencial, educacional e filantrópico e que tem por finalidade abrigar crianças e adolescentes vítimas e/ou em situação de risco social com idade de até 17 anos e que neste lar de acolhimento são respeitados, incentivados, orientados e amados, numa rotina que compreende: frequentar a escola, realizar, brincar e auxiliar nas tarefas de casa. E, como enfatiza Gohn (2006, p. 29) “[...] a educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais”. Nesse sentido, foi interessante constatar o acolhimento e a participação das crianças e jovens, pois desde o nosso primeiro contato, fomos recepcionadas pelas próprias crianças que já nos esperavam na entrada instituição, as quais, muito curiosas e alegres, desejavam saber quem éramos e o que faríamos lá. Percebemos seus olhos brilhando e, talvez, torcendo para que fossemos pessoas em busca de uma criança para adotar. Igualmente a recepção por parte da administração também foi acolhedora e esclarecedora quanto às características da instituição^[1], finalidades, estrutura física, recursos humanos, sujeitos acolhidos e fundos para sua manutenção. Para tanto, realizamos uma entrevista semiestruturada com o administrador e saber da sua expectativa em relação à nossa prática. De imediato, fomos informadas de que não poderíamos realizar nenhum tipo de registro fotográfico, visto que a imagem das crianças e adolescentes não poderia ser divulgada por motivo de segurança e para evitar futuros problemas, já que a maioria dos casos corre em segredo de justiça. Dando prosseguimento à pesquisa, interagimos com as crianças e os adolescentes para saber um pouco mais sobre cada um, suas histórias de vida e seus principais desejos. Levaram-nos para conhecer a casa, o pátio e a quadra em construção. Nesse tempo realizamos o trabalho de escuta, de olhar atento e sensível, foi quando notamos que a maioria buscava estar sempre perto, receber um abraço, um colo, um

Evento: XX Jornada de Extensão

carinho no cabelo, um ombro amigo ou uma boa companhia para um breve jogo de futebol. Ficou nítido que buscavam por atenção, pois pouco recebem visitas. Assim passou-se um bom tempo, por meio do qual já foi possível perceber o quanto estes sujeitos procuram por alguém que lhes ouça, que preste atenção naquilo que desejam muitas vezes desabafar, uma presença para se sentirem fortes, que sejam respeitados e, acima de tudo, que tenham seus direitos garantidos tal como exposto no artigo décimo quinto do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990, p. 3): “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.” Constatamos, ainda, que a algumas das práticas do lar atendem o previsto no artigo dezesseis (BRASIL, 1990, p. 03) sobre o direito à liberdade que envolve os seguintes aspectos: “I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II - opinião e expressão; III - crença e culto religioso; IV - brincar, praticar esportes e divertir-se; V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; VI - participar da vida política, na forma da lei; VII - buscar refúgio, auxílio e orientação.” Além de terem o cuidado em relação ao que determina o artigo dezessete: “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.” (BRASIL, 1990, p. 03)

Considerando a imersão na instituição, elaboramos um projeto de ação e passamos ao seu desenvolvimento e, para tanto, a opção foi por promover uma conversa sobre sonhos, sobre qual seria o maior sonho desses sujeitos que estão longe de seus familiares. Houve interação e silêncio, mas sabíamos que em algum lugar havia um sonho. Entregamos o material e pedimos para que desenhassem ou que escrevessem sobre qual era o sonho de cada um. A maioria deles não sonhava com algo material, muitos pensavam no futuro, na profissão dos sonhos: “meu sonho é ser professora” ou “eu quero ser jogador de futebol”. Mas o que mais chamou atenção é que o sonho de muitos ali era ter família: “eu queria mesmo é ter uma família que me ama mesmo” ou “meu sonho é ir morar com meu pai e minha mãe”. Sonhos que nos fizeram refletir acerca do valor de ter uma família por perto, ter carinho e amor, saber que há alguém com quem contar. É apenas isso que querem para o futuro: ter a presença de um pai e de uma mãe que os proteja. Foi possível perceber o brilho no olhar deles e, embora existam obstáculos, a esperança ainda se faz presente, pois acreditam nas possibilidades que a vida pode oferecer-lhes. Não só ouvimos seus sonhos, mas buscamos olhar como enfrentam as dificuldades encontradas. Trazemos como exemplo uma dinâmica realizada que tem por nome “o problema”, através da qual as crianças juntas precisavam descobrir a solução para resolver o obstáculo proposto na atividade. Observamos que não houve cooperação entre eles, pois esperavam o outro resolver ou a resposta ser conduzida. Tal acontecimento, de certa forma, aponta para o fato de que se sentem sozinhos ou dependentes no enfrentamento de seus problemas, tanto na resolução de uma tarefa que precisa executar individualmente ou coletivamente. Notamos que ao expressarem sentimento de amor este foi pautado nas relações cotidianas, pois ao realizarmos a dinâmica denominada “eu te amo” nela surgiram frases como: “eu te amo porque você almoça comigo sempre”, “eu amo você porque sempre lava minha roupa” que revelam sentimentos de agradecimento a alguém que passa pela mesma situação naquele momento.

Evento: XX Jornada de Extensão

Percebemos que havia uma tensão em relação à saída da instituição, pois o desligamento institucional por maioria acontece quando o jovem completa 18 anos e, a partir de então, precisa deixar o lar, pois não são mais protegidos pelo ECA e, ao sair podem se encontrar numa situação de desamparo frente ao seu novo contexto de vida. Portanto, defendemos que haja uma preparação para que este jovem possa se inserir na sociedade de modo com que se sinta pertencente ao meio. No período em que o jovem está na instituição pode-se oferecer atendimento psicológico preparando-o para o momento de sua saída como, também, que possa fazer cursos profissionalizantes que oportunizem ingresso no mundo do trabalho.

E, como foi notável esse sentimento de desconforto dos adolescentes próximos a completar dezoito anos, principalmente no momento de sonhar com o seu futuro, então provocamos que tomassem consciência desse medo para enfrentá-lo. Em falas próprias, exercitamos nossa coragem ao darmos o nosso próprio depoimento em relação a momentos e etapas que passamos: o fim do ensino médio, a busca por um emprego e a entrada na faculdade, sem falar em outros momentos que envolvem atividades domésticas: fazer a própria comida, a limpeza da própria roupa, o cuidado com a casa, o abrir mão da proteção e assumir a própria vida, ou seja: nos sentirmos protagonistas da nossa vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que desenvolver esta prática nos proporcionou: reconhecer os modos de convivência entre crianças e adolescentes em uma instituição de acolhimento, suas potencialidades, seus medos e seus sonhos; conhecer um lar que cuida, protege e dá carinho, oportunizando que vivam a experiência de sentirem-se acolhidos e amparados em seus direitos; também oportunizou compreender o papel do profissional da educação, pois, conforme afirmam Libâneo e Pimenta (2002, p. 29),

A Pedagogia é mais ampla que a docência, educação abrange outras instâncias além da sala de aula, profissional da educação é uma expressão mais ampla que profissional da docência, sem pretender com isso diminuir a importância da docência.

A experiência vivida nesse pouco tempo de imersão foi de aprendizagens mútuas. Levamos um pouco de esperança e gravamos em nosso coração seus sonhos e esperanças, pois ao estar com estas crianças e jovens inúmeros diálogos ocorreram e com eles reflexões que nos fizeram perceber e valorizar as pequenas coisas da vida. Reafirmamos que papel do educador, neste contexto, é promover a escuta, o diálogo, reflexões e experiências para a vida. Foi importante ver com o coração e sentir o movimento das palavras, reconhecer o que ali existe um presente com dificuldades e um amanhã incerto; mostrou-nos que para sermos pedagogos neste local se faz necessária uma educação que valoriza o humano e que ajude a construir um amanhã de oportunidades.

REFERÊNCIAS

Evento: XX Jornada de Extensão

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 68/2011 e pelas Ementas Constitucionais de Revisão nºs 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente (1990). **Estatuto da criança e do adolescente:** Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. - 3. ed. - Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. 92 p. - (Série fontes de referência. Legislação; n. 36)

GOHN, M. da G. **Educação não-formal na pedagogia social.** In: Congresso Internacional de Pedagogia Social, 2006, São Paulo. Anais eletrônicos... Universidade de São Paulo, 2006b, p. 1-8. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092006000100034&script=sci_arctext> Acesso em 20 fev.2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1999.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. **Formação dos profissionais em educação: visão crítica e perspectiva de mudança.** In: PIMENTA, S. G. Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2002. cap. 1. p. 11-58.

[1] Tais dados não serão aqui divulgados para preservar a instituição.